

Arqueologia, Arte e História: a Numismática a serviço do Estado

Archeology, Art and History: Numismatic at the service of the State

CLÁUDIO UMPIERRE CARLAN*

Professor Adjunto 3 de História Antiga na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Associate Professor of Ancient History at the Federal University of Alfenas / MG

RESUMO O artigo começa com uma descrição do mundo romano após a Tetrarquia, com a luta pelo poder entre Constantino e, mais tarde, Licínio. Analisamos as questões políticas relativas ao mundo romano durante o período. Usando como fonte iconográfica a coleção numismática do acervo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, Brasil, utilizamos a imagem como uma fonte de propaganda, legitimando o poder imperial.

PALAVRAS-CHAVE moeda, império, iconografia, poder, símbolo.

ABSTRACT The paper aims at studying the Rome History just before Constantine ruled the Empire, considering that Constantine is considered as a direct heir of his four predecessors. The numismatic collection stored at the National Historical Museum at Rio de Janeiro, Brazil, serves to show how images were used as propaganda for imperial rule.

KEYWORDS coins, empire, ideology, power, symbol.

* Pós-doutorando em Arqueologia pelo NEPAN / Unicamp; Professor Adjunto 3 de História Antiga na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG); Pesquisador do Grupo Arqueologia Histórica da Unicamp / *PhD in Cultural History (Ancient) Unicamp, associate professor of Ancient History at the Federal University of Alfenas / MG, visiting professor of Universidad Carlos III of Madrid (Spain), the Postgraduate Sensu Lato in Ancient and Medieval History (UERJ) the Professional Masters in Iberian history (UNIFAL-MG) performs post-doctoral course in Archaeology at Unicamp.* / E-mail: claudiocarlan@yahoo.com.br

O Império Romano no século IV: uma breve introdução

Depois de vinte anos de governo, por meio do efêmero sistema de tetrarquia de Diocleciano, o império recobra a paz sob o cetro de um único senhor: Constantino. Durante todo o seu reinado, o novo imperador dedicou-se a reformar profundamente o Império.

Modificou a composição do senado, cujo conselho estava composto por 600 membros, aumentando para 2 mil magistrados. Outra inovação foi a reforma da prefeitura do pretório, quando os comandantes da guarda imperial se converteram em altos funcionários provinciais, dotados de amplos poderes civis, responsáveis por manter a ordem pública e as finanças.

Apesar de não retornar à antiga forma de governo de que seu pai fez parte, Constantino limitou-se, dois anos antes de sua morte, a partilhar o governo dos territórios imperiais em cinco partes: três, as maiores, seriam entregues a seus três filhos; e as duas outras, a três de seus sobrinhos. Ou seja: coube ao filho mais velho, Constantino II, a Bretanha, a Gália e a Espanha; Constâncio II ficou com a rica parte oriental do Império que, desde 333, governava como César em Antioquia; o mais jovem, Constante, ficou com a Itália, a África e a Panônia.

Os primos Flávio Júlio, Dalmácio e Anibaliano ficaram, respectivamente, com os Bálcãs e a Ásia Menor. Alguns autores chegaram a afirmar que Constantino teria a intenção de, bem antes dos Merovíngios e Carolíngios, levar à aplicação um conceito patrimonial do Estado monárquico.

Provavelmente, Constantino pretendia legar uma diferente organização política para aquele que o sucederia como coordenador e administrador. A morte não lhe deu tempo para isso.

Com o assassinato de seus irmãos Constantino II e Constante, Constâncio II assume o controle do Império, sendo considerado pela posteridade como o mais eficiente administrador dentre os herdeiros do pai. Graças a isso, conseguiu manter um dos reinados mais longos do século IV.

Os problemas administrativos e a questão sucessória levam Constâncio a nomear seu primo Constâncio Galo como *César*. A instabilidade de Galo e as intrigas palacianas levam-no a ser executado sob a acusação de traição. Seu irmão, Juliano, é chamado à presença de Constâncio em Mediolanum (Milão). Em 355, foi nomeado César da parte Ocidental do império e

The Roman Empire in the fourth century: a brief introduction

After twenty years of government by the ephemeral Diocletian's Tetrarchy system, the empire regains peace under the scepter of a single lord: Constantine. Throughout his reign, the new emperor devoted himself to reform deeply the Empire.

He changed the Senate's composition, whose board was composed of 600 members, increasing to 2000 magistrates. Another innovation was the reform of the Praetorian's Prefecture, when commanders of the imperial guard became senior provincial officials, endowed with large civil powers, responsible for maintaining public order and finance.

Although not return to the old form of government his father was part, Constantine merely, two years before his death, to share the government of the imperial territories into five parts: three parts, the largest ones, would be handed over to his three sons, the other two, to three of his nephews. The eldest son, Constantine II, was put in charge of Britain, Gaul and Spain; Constantius II received the rich eastern part of the Empire that since 333, was being ruling as Caesar in Antioch. The youngest, Constant, got the Italy, Africa and Pannonia.

Cousins Flavius Julius, Dalmácio and Hannibalian received, respectively, the Balkans and Asia Minor. Some authors even claim that Constantine had the intention, well before Merovingians and Carolingians, leading to imposition of an patrimonial concept of the monarchical state.

Probably Constantine intended to bequeath a different political organization for the one who would succeed him as coordinator and administrator. Death gave him no time for that.

Since the murder of his brothers, Constantine II and Constant, Constantius II takes the Empire control, considered by posterity as the most efficient administrator among his father's heirs. Thanks to this, he could manage keeping one of the longest reigns of the fourth century.

Administrative problems and the succession issue lead Constantius, to appoint his cousin, Constantius Gallus, as Caesar. The instability of Gallus, and palace intrigues lead him to be executed on charges of treason. His brother, Julian, is called to the presence of Constantius at Mediolanum (Milan). In 355 he was appointed Western Empire Caesar and married Helena, sister of Cons-

tantius. In the following years, he fought against Germanic tribes who tried to invade the empire's territory. In this fight, he distinguished himself as a strategist, administrator and legislator. Recovered Colonia Agrippina (Cologne, Germany) in 356, defeated the Alemanni (Argentoratum in the Battle of Strasbourg, France/Germany) ensuring the Rhine frontier.

The “unicity” of the imperial government, broken during the Diocletian's Tetrarchy, is again established in the thirteen years of the Constantine's reign. From 353, the power of the sovereign is incarnated again in a single person, Constantius and then, in Julian. However, after this period, a combination of two emperors to the throne occurs.

The Orthodox Christian Valentinian I, former general of Julian succeeded Jovian, who ruled less than a year, and divided the eastern part of the empire with his brother, Valente, follower of Arianism.

Theoretically, the empire continued to be one, it was a pool and a collegial system, not a territorial division, although each Augusto, aided or not by a Caesar or by other less prestigious Augusto, was charged with the administration and the defense of a part.

The Diocletian himself was considered an *Iuono*, son of Jupiter, while the other tetrarch, Maximian, was a *Herculeo*, or son of Hercules.

Rémondon makes clear that, in a system designed to establish parity, however there is an internal hierarchy, whereby a ruler has a greater degree of importance than his “co-brother” (RÉMONDON: 1977, 45).

A new Augustus was only officially admitted to the school after the approval of his colleagues. Something similar occurs nowadays in the military. General officer is just admitted in the post if the other generals accepting the appointment.

The administrative division of the Roman Empire into two parts, East and West, however, did not guarantee the cohesion nor inhibited the dispute within the very bosom of the imperial family. We have examples from the many suspicions that existed among and Constantine's sons and nephews, who made the government unaffordable. Probably Constantius, the strongman of the new regime instigated the massacre in Constantinople, the entire faction of his uncles and cousins, lea-

casou com Helena, irmã de Constâncio. Nos anos seguintes, lutou contra as tribos germânicas que tentavam entrar em território do império. Nesta luta, distinguiu-se como estrategista, administrador e legislador. Recuperou Colônia Agripina (Colônia, Alemanha) em 356, derrotando os alamanos (em Argentoratum, na Batalha de Estrasburgo, França / Alemanha) assegurando a fronteira do Reno.

A “unicidade” do governo imperial, quebrada durante a tetrarquia de Diocleciano, volta a ser estabelecida nos treze anos de reinado de Constantino. A partir de 353, o poder do soberano encarna-se novamente em uma única pessoa, Constâncio, e depois em Juliano. Porém, após esse período ocorre uma associação de dois imperadores ao trono.

O cristão ortodoxo Valentiniano I, antigo general de Juliano, sucedeu a Joviano, que governou menos de um ano, e dividiu a parte oriental do império com o irmão, Valente, seguidor do arianismo.

Teoricamente, o império continuava a ser uno, tratava-se de uma associação e de um sistema colegial, não de uma divisão territorial, embora cada Augusto, auxiliado ou não por um César, ou por outro Augusto menos prestigioso, fosse encarregado da administração e da defesa de uma parte.

O próprio Diocleciano era considerado como um *Iuono*, filho de Júpiter, enquanto que o outro tetrarca, Maximiano, era um *Herculeo*, ou filho de Hércules.

Rémondon deixa bem claro que, em um sistema criado para estabelecer uma igualdade, existe, entretanto, uma hierarquização interna pela qual um governante possui um grau maior de importância que o seu “coirmão” (RÉMONDON, 1977, 45).

Um novo Augusto só era admitido oficialmente no colégio depois da aprovação de seu ou dos seus colegas. Algo semelhante ocorre nos dias atuais, nas forças armadas. Um oficial general só é admitido no posto se os demais generais aceitarem a nomeação.

A divisão administrativa do Império Romano em dois blocos, Ocidente e Oriente, contudo, não garantia a coesão, nem inibia a disputa dentro do seio da própria família imperial. Podemos citar como exemplo as muitas suspeitas existentes entre os filhos e sobrinhos de Constantino, que tornaram o governo inviável. Provavelmente, Constâncio, o homem forte do novo regime, instigou em Constantinopla o massacre de toda a facção de seus tios e primos, deixando vivos, mas sob sua custódia,

somente os seus jovens primos, os irmãos Galo e Juliano.

Outra inspiração ocorrida durante o século IV é o progresso de uma ideia dinástica. Nesse período ocorreram menos desordens do que nos anteriores. Efetivamente após ter conhecido uma dinastia constantiniana e uma valentiniana, o século V conhece uma dinastia teodosiana. Houve também uma tentativa de ligação entre elas, uma espécie de elo familiar.

A inovação desse século consistiu em discutir a ideia de uma linha sucessória direta e familiar: Constantino pensou nos seus sobrinhos e Valentiniano I associou-se a seu irmão Valente. A ideia familiar foi suficientemente forte para que, de uma dinastia a outra, se procurasse criar um laço, por meio do matrimônio. Valentiniano casa o filho Graciano, então com dezesseis anos, com a neta de Constantino, de treze anos. E Teodósio, por sua vez, desposou a filha de Valentiniano.

Isto não significa que a história dessas dinastias fosse sempre calma. A da família constantiniana, por exemplo, oferece uma série de tragédias palacianas, chacinas, rivalidades fraternas levadas até a guerra civil. Houve revoltas e usurpações, culminando com o assassinato de imperadores legítimos. Mas, ao contrário dos séculos anteriores, com a exceção de Constantino e Juliano, nenhum desses episódios violentos culminou no triunfo do usurpador.

Sem dúvida, foi de uma ajuda muito grande para Juliano, proclamado imperador por seus soldados em Lutécia (França), que seu primo Constâncio II morreu de peste antes do choque dos dois exércitos, evitando, assim, o desgaste de uma guerra civil.

Também nos parece claro o surgimento de um sentimento de lealdade monárquica, apesar de uma série de transtornos. A melhor prova disso é que, apesar de toda a carência militar e política, os filhos de Teodósio I morreram de morte natural.

Paulatinamente, vai-se instalando nas vastas regiões imperiais um respeito à púrpura, manto imperial. Por esse motivo, não podemos considerar completamente ineficazes os esforços das dinastias do Baixo Império para regularizar a transmissão de poder.

Numismática e Estado

Os símbolos que habitam a numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com

ving alive but in custody, only his young cousins, brothers Julian and Gallus.

Another inspiration occurred during the fourth century is the progress of a dynastic idea. Disorders occurred in this period were less than the previous. Effectively having met a Constantinian and Valentinian dynasty, the fifth century get to know a Theodosian dynasty. There was also an attempt of connection between them, a sort of familial bond.

The innovation of this century was to discuss the idea of a line of succession direct and familiar: Constantine thought of his nieces and Valentinian I joined his brother Valente. The familial idea was strong enough from a dynasty to another, was sought to create a bond through marriage. Valentinian married his son, Gratian, on his sixteen, the thirteen years old Constantine's granddaughter. And Theodosius, married the Valentinian's daughter.

This does not mean that the history of these dynasties was always calm. The Constantine's family history, for example, offers a number of palatial tragedies, massacres, fraternal rivalries led to the civil war. There were revolts and usurpations, culminating in the murder of legitimate emperors. But, unlike previous centuries, with the exception of Constantine and Julian, none of these violent episodes culminated in the triumph of the usurper.

No doubt it was a very big help for Julian proclaimed emperor by his soldiers in Lutetia (France), and his cousin Constantius II died of plague before the shock of two armies, thus avoiding a civil war.

Also appears clearly the emergence of a sense of monarchical loyalty, despite a number of disorders. The best proof is, despite all the military and political lack, sons of Theodosius I had a natural death.

Gradually, is being installed in the vast imperial regions a respect to the purple imperial robe. For this reason, we cannot consider completely ineffective the efforts of the Lower Empire's dynasties to regulate the transmission of power.

Numismatic and the State

The symbols that composes numismatics are always endowed of a clear hieroglyphic organization because come from the fact that these images disseminated always articulate with the figurative language in which power is expressed secularly. It is, according to de la Flor, the emergence of representations of eagles, lions, as well as towers, crosses (FLOR: 1995, 183), the phoenix, the emperors or

characters belonging to a political- economic elite, representing the scope of the power action to the point where the numismatic can be defined “as an official memorial at service of the state.”

The German anthropologist, Ernest Cassirer, asserts that: “... instead of defining man as a *rationale* animal, we should define it as a *symbolicum* animal.” (CASSIRER: 1977, 70). Thus, the iconography, and all its symbolism, appears in fact as evident testimony of the societies imagination.

The coin appears to be an excellent source because, from its analysis can be found several aspects covering the series in its entirety. The following aspects: political, state, legal, religious, economic, mythological, aesthetic, can inform about the most varied record of a society.

It is a witness for some important cultural relations for the historian. But we cannot forget the coin as a document, is not a reflection of a simple economic boom, but it is another parallel event. Materiality, consisted of sedimentary layers of interpretations: “The document is thus thought as an archeological monument (Jenkins: 2001, 11).

First Coin

Coin's Identification

Serial Number: 4

Title: AE centenionalis

Year/Place: coined in 350 AD in Rome.

Texts accompanying the figures on the reverse and on the obverse

Obverse: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverse: GLORIA ROMANORVM / RT

Description and decoding the iconography

On the obverse was identified, bust of Constantius, at left, his name (Constantius) and title (Augustus). A bit worn by time, the presence of the letter N at the right side of the image, common in the coinage of that emperor. The globe is next to the right shoulder.

On the reverse, slightly damaged, to the observer's left, Constantius is represented on horseback, armor and spear, defeating a suppliant enemy that is on his knees and arms raised. Behind the imperial representation, there is one of the symbols of the Constantius' coinage, again the letter N. There is a star on the horse's head (Carlan:

o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente. Trata-se, segundo de la Flor, do surgimento de representações de águias, leões, como também de torres, cruzes (FLOR, 1995, 183), da fênix, de imperadores ou de personagens pertencentes a uma elite político-econômica, que representam a órbita de ação do poder, chegando ao ponto em que a numismática pode ser definida “como um monumento oficial a serviço do Estado”.

O antropólogo alemão Ernest Cassirer afirma que: “[...] em lugar de definir o homem como um animal *rationale*, deveríamos defini-lo como um animal *symbolicum*” (CASSIRER, 1977, 70). Desse modo, a iconografia, e toda a sua simbologia, aparece de fato como testemunho mais evidente do imaginário das sociedades passadas.

A moeda mostra-se uma excelente fonte, pois com base na sua análise encontramos diversos aspectos que abrangem a série na sua totalidade. Ou seja, aspectos políticos, estatais, jurídicos, religiosos, econômicos, mitológicos, estéticos, podendo informar sobre os mais variados retrospectos de uma sociedade.

Ela testemunha determinadas relações culturais importantes para o historiador. Mas também não podemos esquecer que a moeda, como documento, não é reflexo de um simples aquecimento econômico, mas trata-se de outro acontecimento paralelo. Uma materialidade, constituída por camadas sedimentares de interpretações: “[...] o documento, é assim, pensado arqueologicamente como monumento” (JENKINS, 2001, 11).

Primeira moeda

Identificação da moeda

Número de ordem: 4

Denominação: AE centenionalis

Ano / local: cunhada no ano de 350 em Roma

Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: GLORIA ROMANORVM / RT

Descrição e decodificação da iconografia

No anverso, identificamos o busto de Constâncio; e à esquerda, seu nome (*Constâncio*) e o título (*Augusto*). Um pouco gasta pela ação do tempo, nota-se a presença da letra N ao lado direito da imagem, comum nas cunhagens desse imperador. O globo está ao lado do ombro direito.

No reverso, um pouco danificado, à esquerda do observador, Constâncio é representado a cavalo, de armadura e lança, derrotando um suplicante inimigo ajoelhado e com os braços levantados. Atrás da representação imperial, nota-se um dos símbolos das cunhagens de Constâncio, novamente a letra N. Existe uma estrela sobre a cabeça do cavalo (CARLAN, 2012, 73), que remonta ao período de Augusto. Seria um sinal vindo dos céus, enviado por Júlio César, tio-avô de Augusto, reconhecendo ele como seu sucessor e herdeiro.

Segundo Suetônio, logo depois do assassinato de Caio Júlio César, seu sobrinho-neto, Otávio Augusto, após ver uma estrela ou cometa no céu, se declarou herdeiro de César. A estrela seria uma mensagem simbólica do seu falecido tio. Essa imagem foi reproduzida pela maioria dos imperadores romanos, reis medievais e governantes modernos. Existem moedas republicanas brasileiras da década de 1920 com essa simbologia.

Na parte de baixo nota-se um escudo caído em um solo inexistente. O escudo ao solo simboliza a derrota imediata (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1997, 280). Um objeto utilizado para defesa contra um ataque frontal do inimigo, caído, identifica a vitória do imperador sobre seus rivais.

Local de cunhagem exposto no exergo ou linha de terra: Roma, terceira casa monetária. Segundo o corpo técnico do MHN, esta é uma das moedas mais raras da coleção.

Observações

Peça de bronze, muito bem conservada (MBC), de diâmetro de 2,45 mm, peso de 4,53 g, alto reverso 12 horas.

Segunda moeda

Identificação da moeda

Número de ordem: 5

Denominação: AE centenionalis

Ano / local: cunhada no ano de 350 em Roma

2012, 73), dates from the period of Augustus. It would be a sign from heaven, sent to Augustus' great-uncle, Julius Caesar's, recognizing him as his successor and heir.

According to Suetonius, just after the assassination of Gaius Julius Caesar, his nephew, Octavian Augustus, after seeing a star or comet in the sky, was declared heir of Caesar. The star would be a symbolic message from deceased uncle. This following image was reproduced by most Roman emperors, medieval king and modern rulers. There are Brazilian republican coins of the 1920s with this symbolism.

At the bottom, a shield, dropped to a nonexistent ground. The shield in the ground symbolizes the imminent defeat (CHEVALIER, Gheerbrant: 1997, 280). An object used for defense against a frontal attack from the enemy, fallen, identifies the Emperor's victory over their rivals.

Coinage local exposed in exergue or land line: Rome, Third monetary home. According to the staff of the NHM, this is one of the rarest coins in the collection.

Observations

Piece of bronze, very well preserved state of conservation, with diameters about 2.45mm, weight 4.53g, high reverse 12 hours.

Second coin

Coin's Identification

Serial Number: 5

Title: AE centenionalis

Year/Place: coined in 350 AD in Rome.

Texts accompanying the figures on the reverse and on the obverse

Obverse: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverse: GLORIA ROMANORVM / RT

Description and decoding the iconography

Constantius' bust, at right, his name (Constantius), a bit worn, and title (Augustus). We note the presence of the letter A at the right side of the bust. In this case the globe was not found. In these coinages, the emperor no longer considered a *princeps*, first citizen, becomes *dominus* (DN), sir.

Reverse, slightly damaged, at left, Constantius is represented on horseback, armor and spear, de-

feating a suppliant enemy on his knees with arms raised. Was found a star on the horse's head, being difficult to distinguish. The piece is a bit damaged. Coinage local exposed in exergue (R) T, Rome.

Chevitarese adds that representations of horses, riders, cars fighting, are attributes of authority and power. The fascination the knight figure exercised in the imaginary of Mediterranean cultures (CHEVITARESE: 2003, 130).

“...Armed horse, subjecting the fallen foe, characterized a natural symbol of victory... constitute an iconographic scheme very well known in the Hellenistic cultures, or who were in touch with that. Some examples can be established, in funerary reliefs and, mainly in the coins, traversing time and distinct spaces” (CHEVITARESE: 2003, 128).

Observations

Piece of bronze, well preserved state of conservation, diameter about 2.5mm, weight 4.53g, high reverse 12 hours.

There is only one more variant of this piece in the collection, which is with the exergue unreadable.

In relation to the last coin, the main feature is the changing that occurs on the obverse of this piece, in the emperor's bust and the globe.

Final Thoughts

During the fourth century, the Roman troops crossed the Rhine and Danube, along whose courses would be rebuild a solid defense.

Mesopotamia is regained and the Persian - Sassanid Empire is forced to cede territories beyond the Tigris. In the East, Rome never had advanced so far away. As an example, can be cited the battles fought between Constantius II and Shapur II, in which the Roman Emperor got the most varied results.

Such struggles are represented in the coins that exist at NHM, in lots of numbers 26 and 27. The Constantius figure appears to the beholder's left, armor, horse, defeating an enemy who, on his knees, with arms raised, as if pleading for mercy.

In antiquity, the currency had a very different function from those nowadays. Not only sought a simple commercial exchange. In Greece, for example, his power was almost magical, divine and representative. Not only indicated some feature of the city responsible for their coinage, but a way of

Textos que acompanham as figuras no reverso e no anverso

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG

Reverso: GLORIA ROMANORVM / RT

Descrição e decodificação da iconografia

Busto de Constâncio, à direita, seu nome (*Constâncio*), um pouco apagado e título (*Augusto*). Notamos a presença da letra A no lado direito do busto. Nesse caso o globo não foi encontrado. Nessas cunhagens, o imperador deixa de ser considerado um *príncips*, primeiro cidadão, passa a ser *dominus* (DN), senhor.

No reverso, um pouco danificado, à esquerda, Constâncio é representado a cavalo, de armadura e lança, derrotando um suplicante inimigo ajoelhado e com os braços levantados. Encontramos uma estrela sobre a cabeça do cavalo, sendo difícil distinguir. A peça encontra-se um pouco danificada. Local de cunhagem exposto no exergo (R) T, Roma.

Chevitarese acrescenta que representações de cavalos, cavaleiros e carros de combate são atributos de autoridade e poder. O fascínio que a figura do cavaleiro exercia no imaginário das culturas mediterrâneas (CHEVITARESE, 2003, 130).

[...] cavalo armado, submetendo o inimigo caído, caracterizava um símbolo natural de vitória [...] constituem um esquema iconográfico por demais conhecido nas culturas helênicas, ou que estavam em contato com essa. Podem ser estabelecidos alguns exemplos, nos relevos funerários e, principalmente nas moedas, perpassando tempo e espaços distintos (CHEVITARESE, 2003, 128).

Observações

Peça de bronze, bem conservada (BC), de diâmetro de 2,5 mm, peso de 4,53 g, alto reverso 12 horas.

Existe apenas mais uma variante desta peça na coleção, que está com o exergo ilegível.

Em relação à moeda anterior, a característica principal é a alteração que ocorre no anverso da peça, no busto do imperador e o globo.

Considerações finais

Durante o século IV, as tropas romanas atravessaram o

Reno e o Danúbio, ao longo de cujos cursos se reconstruía uma sólida defesa.

A Mesopotâmia é reconquistada e o Império Persa-Sassânida é obrigado a ceder territórios além-Tigre. No Oriente, Roma nunca avançara tão longe. Como exemplo, podemos citar os combates travados entre Constâncio II e Sapor II, nos quais o Imperador Romano obteve os mais variados resultados.

Tais combates estão representados nas moedas existentes nos lotes de números 26 e 27 do Museu Histórico Nacional. Aparece a figura de Constâncio, à esquerda de quem observa, de armadura, a cavalo, derrotando um inimigo que, de joelhos, com os braços levantados, parece suplicar misericórdia.

Na Antiguidade, a moeda tinha uma função bem diferente da que tem em nossos dias. Não visava apenas a uma simples troca comercial. Na Grécia, por exemplo, seu poder era quase mágico, divino e representativo. Não apenas indicava alguma característica da cidade responsável pela sua cunhagem, mas uma forma de proteção. Daí a importância do local no qual foi encontrada a documentação numismática. Pois cada um destes locais pode influenciar as mais diferentes análises.

As primeiras cunhagens gregas traziam em seus aversos representações de divindades e personagens mitológicos, como um tetradracma, cunhado em Poseidônia, entre 530 e 500 a.C., com a imagem de Poseidon com o tridente; ou os centauros de Orresquios, cunhados entre 530 e 480 a.C.

Segundo Trigueiros em seu livro *Dinheiro no Brasil*, a época que surgiu a moeda perde-se no tempo. Nesse sentido, a economia de troca é aceita como moeda corrente. Egípcios, sumerianos, chineses e fenícios continuaram a realizar essas trocas comerciais. Trigo, vinho, azeite, escravos e metais eram objetos de troca e de conquistas para os grandes impérios.

Devemos aos romanos a origem do nome *moeda*, que está associado à deusa Juno Moneta, protetora dos fundos monetários, local de cunhagem dos *denarius* (dinheiro), principal moeda de prata republicana romana, cunhada pela primeira vez em 211 a.C. Segundo a tradição, quando a cidade eterna foi cercada pelos gauleses, gansos apareceram voando em torno do templo, avisando aos romanos do ataque.

Diocleciano, durante a tetrarquia, cunhou uma moeda em homenagem a esse episódio da história romana. Nesse *folis*, cunhado entre os anos 298 e 300, durante a reforma monetária,

proteção. Hence the importance of the place in which the numismatic documentation was found. Because each location can influence the most different analyzes.

The first Greek coinage in their obverse representations of deities, mythological characters like tetradrachm, coined in Poseidonia, between 530 and 500 BC, with the image of Poseidon with his trident, or centaurs Orresquios, coined between the years 530-480 BC.

According to Trigueiros in his book *Money in Brazil*, the time came that the currency gets lost in time. In this sense, the exchange economy is accepted as currency. Egyptians, Sumerians, Chinese, Phoenicians continued to conduct such trade. Wheat, wine, oil, slaves, metals, were objects of trade and conquest to the great empires.

We owe the Roman the origin of the name *moeda* (coin), associated with goddesses Juno Moneta, protector of monetary funds, of the local coinage of *denarius* (money), the main Roman republican silver coin, coined for the first time in 211 BC. According to their tradition, when the eternal city was besieged by the Gauls, geese came flying around the temple, warning the Roman attack.

Diocletian, during the Tetrarchy, coined a coin in honor of this episode of Roman history. In this *folis*, coined between the years 298-300, during the monetary reform, representation of the goddess Juno Moneta, the legend SACRED MONET AVGG ET CAESS NOST, sacred coin of our Augustus and Caesars. Beside the goddess, beyond the balance, as a scale for weight values, the cornucopia, symbol of abundance.

Thus, the emperors of the fourth century established a link with Roman hegemonic past, having the coin as a model.

Thanks

To Pedro Paulo Abreu Funari and colleagues from the Laboratory of Public Archaeology, for the opportunity we had exchanged ideals; Ciro Flamarion Cardoso, Maria Beatriz Florenzano, André Leonardo Chevitarrese, Vera Lucia Tostes, Eliane Rose Nery, Rejane Lobo.

I am grateful to Mickaela Schwab Muniz who translated this chapter into English.

The responsibility for the ideas is restricted to the author.

Numismatic Sources

Coins of Constantius II, Rio de Janeiro: National History Museum collection, Medalist Number 8;

Lot Number: 26, Number of Blades: 2, 3.

há uma representação da deusa Juno Moneta, na legenda *SACRA MONET AVGG ET CAESS NOST*, moeda sagrada dos nossos augustos e césares. Ao lado da deusa, além da balança, para peso de valores, está a cornucópia, símbolo da abundância.

Assim, os imperadores do século IV estabeleceram um elo com o passado egemônico romano, tendo a moeda como modelo.

Agradecimentos

A Pedro Paulo Abreu Funari e aos colegas do Laboratório de Arqueologia Pública (LAP) a oportunidade de trocarmos ideias; a Ciro Flamarion Cardoso, Maria Beatriz Florenzano, André Leonardo Chevitarese, Vera Lúcia Tostes, Eliane Rose Nery e Rejane Lobo.

A responsabilidade pelas ideias restringem-se ao autor.

Fontes Numismáticas

Moedas de Constâncio II, Rio de Janeiro: acervo do Museu Histórico Nacional, Medalheiro de número 8; lote número 26, lâminas de números 2 e 3.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLAN, Cláudio Umpierre. *Moeda, Política e Propaganda: as moedas de Constâncio II*. Santos: Artefato Cultural, 2012.

CARLAN, Cláudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Moedas: a numismática e o estudo da História*. São Paulo: Annablume, 2012.

CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica*. Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Martins, 1974.

Cláudio Umpierre Carlan

bolos. 8ª. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.

CHEVITARESE, André Leonardo. *Salomão e Cultura Helenística*. In: Fragmentos de Cultura n. 13. Revista da Pontifícia Universidade Católica de Goiânia. Goiás, 2003, pp. 117-135.

FLOR, Fernando R. de la. *Emblemas Lectures de La Imagem Simbólica*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Tradução Mário Vilela. Revisão Técnica Margareth Rago. São Paulo: Contexto, 2001.

THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VIII. London: Spink and Sons Ltda, 1983.

TRIGUEIROS, F. dos Santos. *Dinheiro no Brasil*. 3ª. ed. Tiragem Especial para Escola de Museologia da UNIRIO. Rio de Janeiro: 2008.

Primeira moeda



Segunda moeda

